

Juruá e Anhangá



Kamakuã era a mulher mais bela da aldeia. Mas também era a mais respeitada - afinal de contas, ela tinha um marido que, além de guerreiro, era onça.

Kamakuã teve dois filhos: Juruá e lauaretê-mirim.[...]

Juruá tornou-se excelente caçador.

Vinha com caça farta e presenteava seu irmão, seu pai, sua mãe e todos da aldeia.

Juruá, infelizmente, tornou-se também exibicionista. Caçava além das necessidades e muitas vezes deixou animais apodrecerem na floresta pelo prazer de matar.

Um dia, Anhangá, o espírito protetor das florestas, se apresentou a ele na forma de uma branca borboleta:

- Juruá, que tal buscar o alimento somente para suprir a fome?!

Juruá não deu ouvidos à borboleta.[...]

Então, Anhangá apareceu novamente diante de Juruá na forma de um beija-flor:

- Juruá! Pare rápido! Tupã não está gostando disso e me deu autoridade para fazê-lo parar de uma vez![...]

Uma lua se passou.

Uma noite, Anhangá apareceu como coruja diante de Juruá e disse:

- Escute, Juruá, se você não parar com tanta desordem, uma tragédia pode acontecer.

Isso é uma ameaça?

- Não. Isso é uma visão.

Outra lua se passou.

Era o tempo em que as flores saem das árvores e das plantas.

Juruá caminhava pela floresta quando viu um belo animal na sua frente. Era o mais arisco e o mais difícil de caçar. Era um lindo cervo. Era de um branco raro e seus pés eram como as mais rápidas flechas em disparada.

Juruá também era ágil e rápido. Armou o arco e atirou. Acertou em cheio. O cervo caiu. Juruá se aproximou. O cervo foi se transformando, se transformando e foi virando gente. Foi virando uma mulher.

Era sua mãe.

A lua cheia brilhou avermelhada naquele dia.

A coruja assobiou. Juruá chorou. Anhangá havia transformado Kamakuã em cervo para dar uma lição ao jovem guerreiro.

Fonte: JECUPÉ. Kaká Werá. ***As fabulosas fábulas de IAUARETÊ.***

São Paulo: Peirópolis, 2007. p. 38-43